

ALÉM DO MAL, AQUÉM DO BEM: MORAL EM NARRATIVAS ORAIS REFERENTES AO CORPO SECO

Marcelo Rodrigues Jardim¹

Resumo

O objetivo deste artigo é mostrar como podem ocorrer em narrativas orais a respeito da lenda do corpo seco referências a condutas morais valorizadas pela comunidade narrativa de três distritos da região de Londrina no Paraná: Irerê, Paiquerê e Lerrovile. As discussões apresentadas fazem parte de uma pesquisa de mestrado em Letras na Universidade Estadual de Londrina, em que se intenciona estudar e discutir, em primeiro plano, qual relação há entre preceitos éticos e narrativas orais.

Palavras-chave: Cultura oral; Poesia oral; Narrativas orais; Moral; Lenda do corpo seco

Abstract

The objective of this article is to show how can occur in oral narratives about the dry body legend the moral behaviors valued by the narrative community in the three Londrina districts: Irerê, Paiquerê and Lerrovile. The presented arguments are part of a B.A. research in the Universidade Estadual de Londrina. Firstly, this research intends to study and to argue the relations between ethical principles and oral narratives.

Keywords: Oral culture; Oral poetry; Oral narratives; Moral; Dry body legend.

INTRODUÇÃO

As discussões aqui apresentadas fazem parte de uma pesquisa em andamento de mestrado em Letras na Universidade Estadual de Londrina. A pesquisa leva o título provisório de “A voz (po)ética: narrativas orais e moral” e tem por objetivo principal perceber e discutir como se processam relações éticas representadas em narrativas orais veiculadas por narradores de três distritos da região de Londrina no Paraná: Irerê, Paiquerê e Lerrovile. As entrevistas foram realizadas no primeiro semestre de 2005 e tomaram por base os pressupostos metodológicos concernentes à História Oral, principalmente os de Paul Thompson (1998), no que se refere a considerar o entrevistado como construtor de um

discurso, a respeitar a opinião dele, evitando, desse modo, opiniões pessoais do entrevistador as quais possam modelar as emitidas pelo entrevistado. Busca-se neste trabalho mostrar como narrativas orais a respeito da lenda do corpo seco podem se referir a uma conduta moral e como isto pode levar a uma reflexão sobre regras morais presentes no cotidiano das pessoas ligadas à uma comunidade/sociedade.

1. O CORPO SECO E A CONDUTA MORAL

Fadado a não encontrar repouso eterno no paraíso, bem como a não encontrar o suplício no inferno, o corpo seco transita entre os viventes. A aparência soturna desse encantado corriqueiramente é destacada pelos narradores; em geral, as características físicas apresentadas são a pele ressequida e grudada aos ossos, como possuidor de cabelos e unhas compridas, os quais não param de crescer, o que torna necessário, conforme alguns narradores, a presença de uma pessoa para cuidar do encantado, ou seja, cortar os cabelos, as unhas, dentre outros. Em relatos diversos, o corpo seco desaparece do caixão para reaparecer no local que escolheu para ficar, geralmente um capão de mato. Em outros, mais comuns, alguém o leva até o lugar. O espaço físico escolhido fica assombrado, inclusive, pode perder a fertilidade para culturas agrícolas devido a sua presença. Seguem dois relatos os quais apontam para o assombramento e para a infertilidade do solo:

Em Maringá mesmo então tinha um mato, em 46 em Maringá tinha muito mato. Então, a turma disse que teve gente que entrou no mato assim quando veio, veio aquele negócio se batendo, parece um pé de fava aceso, sabe fava, né? “Tchá, tchá, tchá, tchá, tchá”. Quando eles olharam, via aquele, aquele corpo seco, cabelão cumprido, c’as unhas deste tamanho, isso eles falaram. (Entrevista com Geraldino de Camargo, distrito de Lerrovile).

Lá perto de São Jerônimo tinha um capão de mato, diz que tinha um corpo seco ali, né? É... tinha um capão de mato que tinha um corpo seco, ali. Tinha um que tratava dele, cortava o cabelo, diz que crescia a unha. Eu não vi não, né? Disse que crescia a unha, cortava o cabelo dele. Mas aquele capão de mato, ali perto, tinha... eles plantavam arroz, plantava feijão, não dava nada. Morria tudo. Ali não plantava nada. Plantava, mas não dava nada... diz eles que era o corpo seco que não deixava dar as coisas, né? Mas tinha esse capão de mato lá. Ali era assombrado. Mas eu... eu nunca vi assombração. Mas diz que lá era assombrado, né? Mas gente... daí um dia pegou, roçou... diz que tinha um cara que cuidava dele, tirou ele de lá e roçou o capão de mato, queimou, plantava as coisas e não dava nada. (Entrevista com José Pereira Cardoso, distrito de Lerrovile).

¹ Mestrando em Letras pela Universidade Estadual de Londrina. E-mail: marcelorjletras@hotmail.com

Como pincelado logo acima, um dos traços que geralmente aparecem nas narrativas orais a respeito do corpo seco é o fato de ele não ser aceito nem no céu, nem no inferno e tampouco pela terra. Em uma entrevista com o senhor Sebastião de Oliveira, pode-se notar três divisões do plano existencial:

Tem uns que vira corpo seco, outros diz que viram corpo santo. Eu nunca vi nenhum dos dois e nem quero ver, nem sei como é que é, né!? Que é meio, meio esquisito você ver um... uma caveira aí, só com o couro e o osso aí balangando. Ah! Para com isso!!!

Rancar o cara do cemitério, eu já ranquei, isso aí não tem nada. Ranquei, já enterrei cara. Já cavuquei, já fiz buraco. Já quebrei caixão no chão pra tirar pedaço de defunto pra ponhar outro, ih!... Isso aí não tem nada, mas você olhar uma caveira, aí rapaz, você tá louco! Uma caveira com osso e o couro e o osso dele, Deus me livre, só! Agora você vê os pé do camarada dentro de uma meia, que a meia no chão não derrete, num podrece, a tal de meia é... não apodrece na terra, né? Dependendo da meia, né? Tem meia de nylon que não, mas meia de pano normal, ela apodrece, igual de algodão que tem hoje, não sobra nada, né? Mas meia de nylon!! Enterrei desse cara chacoalhar assim ver o dedinho do pé, dos... dos dedinho do cara, chacoalhar lá dentro: “Tec, tec, tec, tec...”. Mesma coisa de nenem. Isso aí não tem problema, isso aí não acontece, nos fizemos em Tamarana. Mas corpo seco eu nunca vi não, mas nesse mato diz que tinha. (Entrevista com Sebastião de Oliveira Rosa, distrito de Paiquerê).

As ocorrências naturais são aceitas tranqüilamente, uma vez que são fatos observáveis e não fogem de uma ordem estabelecida. Nesse sentido, quando uma pessoa morre, ela cumpre um ciclo comum conhecido: é enterrada, decompõe-se e ficam ossos e matérias indissolúveis depositados na sepultura. O espírito se desliga do corpo e vai para um outro plano de existência. O corpo seco, por sua vez, não faz parte do mundo natural ou do espiritual, faz parte do sobrenatural, do desconhecido. Assim, o incomum gera medo nas pessoas que acreditam na lenda, mesmo quando o narrador diz não haver perigo, conforme narra o senhor Pedro Antônio:

Tinha medo, porque muita gente tem medo dessas coisas, né? É um... é um... tá morto... aquilo ali... morreu a carne, morre o espírito, né? Que a gente tem isso. Não falam: “Não tem alma, não tem...”. Tem sim, inzisti isso!!! E a gente... se não tivesse a gente não vivia também, né? Mas nessa época... nesse assunto que eu tô falando. Aí morreu a carne, nem, nem a terra não quis a carne e nem Deus quis o espírito. Fica variando. Fica jogado assim. Só que não tem interesse em fazer mal a ninguém também, né? Porque já fez o que tinha que fazer, né? Já cumpriu (ri)... cumpriu, em vida, né? (Pedro Antônio Lourenço, distrito de Irerê)

Para a comunidade narrativa dos distritos estudados, as coisas não acontecem por acaso. As decisões tomadas, os comportamentos dentro da comunidade/sociedade e os atos cotidianos realizados em vida refletem na morte. Se o homem cumpre os preceitos valorizados pela comunidade/sociedade, encontrará o descanso no céu. Caso contrário, padecerá no inferno. Entretanto, a maldade do corpo seco mostrou-se tamanha que não é aceito em nenhum dos dois planos espirituais.

Ah! É gente muito ruim! Que só pratica coisa mardoza mesmo, né? Desde pequeno ele cria naquele estilo, né? Fazendo só ruindade e matando e roubando e fazendo tudo quanto é coisa. No fim ele... nem a terra, nem Deus, nem a terra quer. Aí fica, ponha na sepultura, com o tempo aquilo lá não podrece, sai inteirinho de lá. O couro seco em cima dos osso. Aí eles tira e põe no necrotério pra depois levar pro mato, né? (Entrevista com Pedro Antônio Lourenço, distrito de Irerê).

Percebe-se, como já exposto, haver uma representação dos valores morais dos narradores nas narrativas do corpo seco. Mais que instituir regras, pois elas já estão instituídas socialmente no cotidiano das pessoas, essas narrativas podem desdobrar-se em reflexão a respeito de uma conduta moral valorizada por narrador e platéia. O encantamento é tido como algo negativo, conseqüência de atos maléficis praticados em vida. Pressupõe-se, assim, que entre os participantes de encontros de narradores circulem normas de comportamento. Adolfo Sánchez Vázquez (1975) argumenta que o elemento em essência da moral é a sua qualidade social. Assim, ela se manifesta na sociedade, cumpre uma função estabelecida e responde à determinadas necessidades de um grupo. No instante em que um narrador diz que o corpo seco foi uma pessoa ruim, o faz com base nos preceitos morais de sua comunidade/sociedade, uma vez que a “moral, como forma de comportamento humano, possui também um caráter social, pois é característica de um ser que, inclusive no comportamento individual, comporta-se como um ser social”. (VÁZQUEZ, 1975, p. 53).

O fazendeiro, personagem muito comum em narrativas orais, também aparece naquelas a respeito do corpo seco. Em geral, ele se torna corpo seco devido a comportamentos morais negativos; por exemplo, maltratar seus funcionários de modo desumano. Se por um lado daí transparece um choque entre classes, no qual as discrepâncias vêm à tona, por outro mostra que a conduta moral vale para todos os envolvidos na vida social. O fazendeiro não paga a sua má conduta em vida, por exercer poder local, porém na morte não escapa do castigo. O senhor Sebastião de Oliveira contou uma variante de narrativa em que o fazendeiro não aparece

como corpo seco, mas como responsável direto pela transformação em encantado de seu próprio filho, que seria o beneficiário direto da intercessão solicitada:

Esse corpo seco é o seguinte: Esse foi lá pro lado do sul também. Isso aí o cara fez uma promessa... de saí de, fez uma promessa - que o menino dele tava muito doente - então esse menino fez uma promessa com ele, pra ele cumprir a promessa ele teria que andar bastante pra ele fazer essa promessa, que essa promessa era pra fazer a pé e a pé seria muito difícil. Daonde ele morava até acho que na tal de Campina Alta, Campina Alta. Eu não sei se é Campina Alta ou Campinato, meu pai sabe tudo, conhece tudo lá, né? Eu não sei, porque eu já... dessa época eu já era muito criança, né?

Aí, diz que esse menino ficou - fez a promessa certinho - o menino sarou, ficou bom e depois o cara não foi cumprir essa promessa, que ele tinha feito, né? Aí, diz que o menino arruinou, arruinou, arruinou... não teve médico. O menino acabou falecendo. Faleceu. Aí, ele falou: “Puxa vida!”. E devendo a promessa, mesma coisa. E esse dito menino pegou, diz que fizeram o enterro dele certinho. Mas, diz que ele saiu do túmulo dele!! Essa promessa nunca foi cumprida!! E virou um corpo seco, né?

E o pai do menino - só que o pai do menino era bom de dinheiro. Aí, o pai do menino falou: “Meu Deus do céu!”. E o pai do menino não tinha paz, nunca teve paz na vida dele, enquanto ele não cumprisse aquela promessa. Fosse vivo ou morto ele tinha que levar naquele lugar que ele prometeu, né? E aquele menino virou praticamente o corpo seco. Ele pagava o dinheiro que o camarada quisesse, só que ele não ia!... Pagava o dinheiro que o camarada quisesse pra levar aquele corpo seco. Meu pai falou: “Eu vou carregar um saco de osso!!?”. Diz que era muito esquisito, né? Que é só, só o osso e o couro, lá em cima dos osso, né?

Aí, diz que o pai do menino diz que dava... não sei quanto pra um camarada lá, até o pai conheceu o cara que era pra levar, o cara, um tal de... um tal de... como é que é caramba!?... Um cara que tinha lá no sul que sempre trabalhou com meu pai junto. “Ó! Pois eu vou levar esse camarada lá, ganhar esse dinheiro”. Ele gostava muito de ganhar dinheiro meio fácil. “Eu vou levar esse camarada”. O cara falou: “Pois, eu te pago pra você pegar e levar, só que você tem que andar de tantas horas até meia-noite. Passou da meia-noite, você não consegue, você não pode andar mais, tem que parar, né?” Então, gastava muito pra ir, né?

Mas o duro é que ninguém tinha essa coragem de fazer isso, o camarada falou que ia. Falou: “Eu pago o dinheiro que for necessário pra você levar lá nos pé da santa que era pra ter levado ele”. Pois diz para ele quebrar aquele encanto dele, pois diz que o menino não parava de atentar o velho, né? Porque o pai não cumpriu a promessa, não cumpriu o que era... a promessa que ele tinha feito, né? Aí, disse que o camarada tentou levar, foi a primeira noite desistiu. A coragem não deu, né? Falou: “Ah! Vou dormir com esse trem aqui nada!!!” Ele diz que tinha que posar na estrada, né? Eu falei: “Por dinheiro nenhum eu carrego o corpo-seco”. (Entrevista com Sebastião de Oliveira Rosa, distrito de Paiquerê).

Nota-se, assim como nas outras narrativas recolhidas, uma ligação entre preceitos sociais/religiosos. O menino paga pela falta de cumprimento da palavra empenhada do pai. O narrador se refere à causa dos problemas repetidas vezes na narrativa, reforça, direta ou

indiretamente, que promessa feita ao santo/santa de devoção precisa ser cumprida sem titubear. Se a pessoa tem condições de realizar o prometido na íntegra, deve fazê-lo, uma vez que a obrigação pessoal não pode ser repassada a terceiros. Pretextos para fugir da situação difícil não devem ser utilizados, caso contrário o ato de fé não tem a mesma validade.

Na narrativa referente ao menino, o pai tenta fugir de sua responsabilidade ao dispor de dinheiro para que outro homem realize o feito. Em um outro relato realizado pelo senhor Pedro Luiz, familiares se utilizam de subterfúgios para atenuar o sofrimento que decorreria do ato de fé: “Então, eles tinha uma promessa lá de levar ele em... na Aparecida do Norte, e levaram. Mas levaram de, de condução, quando voltaram ele tava aí de novo. É pra levar ele só de noite, andar só de noite, de dia parar com ele, né? E levar nas costa.” (Entrevista com Pedro Luiz Barbosa, distrito de Paiquerê). Esse preceito, o de cumprir a palavra empenhada, tem validade tanto no campo religioso como no social. Isto fica incisivo quando, ao final da narrativa a respeito do menino que vira corpo seco, o senhor Sebastião de Oliveira, ao falar o porquê de seu pai não ter levado o infante para o fazendeiro, afirma: “Mais tarde o cara fazer uma promessa cum camarada e não cumprir a promessa, vai ficar ruim, né?” (Entrevista com Sebastião de Oliveira Rosa, distrito de Paiquerê). Se o pai do narrador combinasse com o fazendeiro de levar o menino até o local designado, teria de cumprir o acordo e enfrentar as expiações sem questionar.

A comunidade narrativa estudada mostra que qualquer pessoa não cumpridora das regras de convivência estabelecidas pela comunidade/sociedade pode tornar-se um encantado. Como narra o senhor Pedro Antônio, em um trecho já apresentado acima, quem mata, rouba, entre outros, corre o risco de pagar pelo pecado. Da mesma opinião é o senhor Pedro Luiz, que percebe ter as pessoas personalidades diversas:

O corpo seco é um tipo de gente que nem Deus e nem o demônio num quer. Ele é tão ruim que nem o demônio num quer. Porque, cê sabe que a terra cria de tudo. Tem o sujeito humilde, trabalhador, sujeito bom, tem o matador, tem o ladrão. Às vezes você trabalha o dia inteiro ganhando o seu pão, à noite o cara vem roba tudo, se abusar, ele te mata. Então, é criado de tudo no mundo. A terra pôs tudo no mundo e ela cria tudo. (Entrevista com Pedro Luiz Barbosa, distrito de Paiquerê)

O comportamento moral, conforme Vázquez, diz tanto a indivíduos quanto aos grupos sociais, “cujas ações têm um caráter coletivo, mas deliberado, livre e consciente” (VÁSZQUEZ, 1975, p. 54). Todavia, segundo ele, mesmo ao se tratar da conduta de um indivíduo, não se está perante de uma conduta precisamente individual, a qual diz respeito

somente a ele. As ações de um indivíduo refletem conseqüências para os outros membros de uma determinada sociedade, sendo, portanto, sujeito a aprovação ou reprovação destes membros. Para Vázquez, a “função social da moral consiste na regulamentação das relações entre os homens (entre os indivíduos e entre o indivíduo e a comunidade) para contribuir assim no sentido de manter e garantir uma determinada ordem social” (1975, p. 55).

Dessa forma, a reflexão moral a respeito do que está sendo narrado pode ser desencadeada no momento em que autor e platéia interagem. Para que isto ocorra dois fatores são importantes: o senso moral e a consciência moral. Esses fatores, explicados didaticamente por Marilena Chauí (2001), são imprescindíveis para que haja tal reflexão, uma vez que o senso moral seria a capacidade de notar e considerar um determinado evento problemático por meio de um juízo de valor e a consciência moral a competência pessoal em deliberar, dar razões válidas e assumir as decisões tomadas relativas a esse evento. Senso e consciência moral “dizem respeito a valores, sentimentos, intenções, decisões e ações referidos ao bem e ao mal e ao desejo de felicidade. Dizem respeito às relações que mantemos com os outros e, portanto, nascem e existem como parte de nossa vida intersubjetiva” (CHAUÍ, 2001, p. 335). Se as narrativas a respeito do corpo seco podem levar a uma reflexão sobre um comportamento moral, elas teriam um função prática? Para tentar responder esta questão é necessário traçar alguns comentários teóricos no que se refere à análise de narrativas orais.

2. POSSIBILIDADES NO ENFOQUE DE NARRATIVAS ORAIS

Por longo tempo, muitas narrativas orais, e manifestações afins, foram tratadas como superstições, credices infundadas do povo. Os primeiros folcloristas, segundo aponta Renato Ortiz (1992), por exemplo, tinham preocupações pedagógicas quando tratavam esses assuntos em seus trabalhos, pois acreditavam ser uma forma de educar o homem “inculto”, mergulhado na ignorância. Criam que, ao manter contato com homens “educados”, o “deseducado” seria influenciado e perceberia a sua incivilidade, isto é, poderia notar a sua falta de conhecimento frente ao mundo civilizado, pautado na razão e na ciência. Esses folcloristas pecam por não considerar o que essas narrativas significam para a comunidade/sociedade e qual o contexto de atualização. Outros folcloristas acreditavam, ainda de acordo com Ortiz, que o povo guardaria na memória ligações com um passado, com uma tradição. Por estarem ligados a um primitivismo, os mitos, as lendas, entre outros, deveriam ser recolhidos, salvaguardados e circunscritos ao patrimônio nacional antes de seu desaparecimento. Era comum por parte

desses pesquisadores uma visão distanciada de seu objeto, ou seja, esses objetos culturais eram vistos como exóticos, diferentes. O olhar lançado era sobre essa diferença, ao invés, novamente, das relações das narrativas orais com a comunidade/sociedade transmissora.

Antonio Candido (1976) percebe aspectos fragmentários nos estudos desses folcloristas, meras etapas preliminares, ocasionadas pela preocupação em descrever e documentar os registros para, em seguida, tentar explicar as fontes originais e aproximá-las de outras culturas. Na busca de uma possível universalidade dos temas narrativos, os folcloristas desconsideravam as variações locais. Câmara Cascudo (1978), por exemplo, não dava grande importância às variações por acreditar que elas “são os mesmos enredos com diferenciações que podem trazer as cores locais, algum modismo verbal, um hábito, uma frase, denunciando, no espaço, uma região, e no tempo, uma época” (CASCUDO, 1978, p. 33), como a busca era pela universalidade, havia o descarte da variante. Por sua vez, Candido argumenta ser necessário estudar o contexto de produção – portanto as variações não podem ser descartadas – das manifestações orais, caso contrário a compreensão mais ampla fica comprometida. Aliás, não só o contexto de produção é importante para a investigação, mas também as formas de armazenamento, circulação e os possíveis sentidos gerados no momento da performance.

Outros estudiosos percebem uma relação prática na “literatura” oral. Walter Benjamin (1996), por exemplo, considera a experiência e a praticidade o cerne de uma narrativa. Para o pensador, viajantes e aqueles que ficam em suas terras têm importância na transmissão de experiências. Os primeiros por trazerem conhecimentos de fora da região, os seguintes por transmitirem uma tradição, bem como afirmá-la. Narrador e ouvinte mantêm relações as quais possibilitam a apreensão e a reprodução posterior de uma narrativa. Nesse sentido, haveria uma abertura para o senso prático no instante em que é passado uma norma de vida, um preceito moral ou outros ensinamentos. Oswaldo Elias Xidieh (1993) postulava não haver gratuidade nas culturas das sociedades rústicas. De acordo com o pesquisador, o que não tem utilidade para essas sociedades são taxadas de inúteis ou tolices infundamentadas. Mesmo nas formas de divertimento, haveria algo de preceito, de utilidade e de etiqueta.

Antonio Candido, no entanto, acredita que essa fase de considerar a “literatura” oral como um conjunto de considerações práticas das funções sociais ou jogo gratuito já foi superada. Porque “a arte, e portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos” (CANDIDO, 1976, p. 53). Haveria uma combinação entre elementos técnicos, o que implicaria uma atitude de gratuidade, e conexões com a realidade natural e social. “Gratuidade tanto do criador, no momento de conceber e executar, quanto do receptor,

no momento de sentir e apreciar” (IDEM). Certamente as narrativas orais podem desencadear uma função prática, por exemplo, levar os participantes do processo dialógico – narrador e/ou platéia – a um questionamento ou a uma afirmação das visões de mundo presentes em uma história, relacionando-as ao seu cotidiano, mas também tem o seu jogo lúdico, em que os narradores e ouvintes mantêm e reforçam suas relações sociais, principalmente as de amizade.

O pesquisador Paul Zumthor (1997) traça considerações teóricas a respeito das manifestações orais, que muito auxiliam num entendimento mais completo de como se processam as circunstâncias nas quais narrativas orais são atualizadas. Zumthor argumenta que o intérprete pode ter uma certa autonomia, inclusive o público pode adotar o mesmo comportamento o qual se dá ao autor de obra escrita. Do intérprete pode ser percebido a voz e os gestos, sendo na performance e no diálogo com a tradição oral que ele traz para o narrado as várias relações socioculturais possíveis. Entretanto, a autoridade do intérprete, como guardião da tradição, pode variar muito conforme a cultura. Em algumas, pode pertencer a uma só pessoa. Em outras, a todo um grupo. Todavia, o que realmente se sobressai é uma voz coletiva. O ouvinte, por sua vez, interage com o intérprete, realiza perguntas, gesticula, dá informações, tudo isto pode mudar o rumo da performance. Ele (re)cria de acordo com o seu próprio uso, assim “as marcas que esta re-criação imprime nele pertencem a sua vida íntima e não se exteriorizam necessária e imediatamente” (ZUMTHOR, 1997, p. 242). Provavelmente também será um intérprete, cuja voz e gesto modificam o apreendido, conforme o contexto de atualização. Assim, perceber o instante da performance e o seu contexto sociocultural tornam-se os pilares básicos para uma melhor compreensão das manifestações orais, pois a “tradição oral não se constitui, essencialmente, pelo repertório de histórias formado ao longo dos tempos, mas pela contínua atualização destas histórias” (FERNANDES, 2003, p. 57).

No caso das narrativas a respeito do corpo seco, o senso moral pode entrar em ação quando algum envolvido no processo dialógico percebe as relações conflitantes do personagem, julgando de acordo com a sua consciência, com base nos valores de sua comunidade/sociedade, qual é a maneira certa e a errada de se comportar. Desse modo, pode concordar ou não com o narrador, interpelar e mudar o rumo da narrativa, ou ainda, pode re(contar) a história, posteriormente, com a aglutinação de novos elementos.

CONCLUSÃO

O sentido poético das narrativas orais veiculadas nos distritos londrinenses em estudo, que se referem ao corpo seco, pode se realizar quando, no instante da performance, narrador e/ou platéia consideram o que está sendo narrado como um mundo possível, percebem e se vêem envolvidos pelas circunstâncias socioculturais presentes na história, o que se desdobra em identificação, e correlacionam as várias situações presentes na narrativa com o seu cotidiano. A moral representada nessas narrativas pode servir como um reforçador dos preceitos éticos da comunidade narrativa, devido à identificação com o que está sendo narrado, mas também pode ser questionada pelos participantes, principalmente se algum deles não acredita na lenda. Entretanto, o mais importante é a troca de experiências e de visões de mundo entre os participantes, ocorrida na performance, ou seja, é a possibilidade de contato humano e de manutenção de relações sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, W. O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 197-221.

CANDIDO, A. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 5ª ed. revista. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

CASCUDO, L. C. *Literatura oral no Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1978.

CHAUÍ, M. *Convite à Filosofia*. 12ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2001.

FERNANDES, F. A. G. *A Voz em performance: uma abordagem sincrônica de narrativas e versos da cultura oral pantaneira*. Tese de doutorado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis/ Universidade Estadual Paulista, 2003.

ORTIZ, R. *Românticos e folcloristas: cultura popular*. São Paulo: Olho d'água, 1992.

THOMPSON, P. *A Voz do passado: História Oral*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

VÁZQUEZ, A. S. Ética. 2ª ed. Trad. João Dell'Anna. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A., 1975.

XIDIEH, O. E. Narrativas populares: estórias de Nosso Senhor Jesus Cristo e mais São Pedro andando pelo mundo. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1993.

ZUMTHOR, P. Introdução à poesia oral. São Paulo: HUCITEC, 1997